

Homenagem ao bardo portenho: pela passagem dos 40 anos do falecimento de Jorge Luís Borges

Mario Miranda Antonio Junior

Unifesp

Introdução

Há cinquenta anos, em 19 de maio de 1976, Jorge Luis Borges (1899-1986), ao lado de Ernesto Sabato, saudava o início da ditadura argentina (1976-1983) na presença do infame tirano Jorge Rafael Videla, declarando ser o mesmo “um cavalheiro”¹. E há quarenta anos, em 14 de junho de 1986, Borges partia deste mundo, aos 86 anos, perto de completar 87. Borges é considerado, indiscutivelmente, um dos maiores escritores argentinos e latinoamericanos de todos os tempos, ao lado de Júlio Cortázar, Adolfo Bioy Casares e Ernesto Sabato no século XX - Domingo Sarmiento e José Hernández no século XIX. Não posso dizer, estou longe de ser um conhecedor da literatura argentina, sei apenas que Borges está para a literatura argentina - e latinoamericana - algo como Gabriel García Márquez está para a colombiana e Mario Vargas Llosa para a peruana - talvez o que Machado de Assis e Jorge Amado estão para a literatura brasileira.

No Brasil, Borges se tornou conhecido na década de 1970. Todavia, a vanguarda literária chega antes. Mário de Andrade, por exemplo, em 1928 já o incluía nas suas críticas literárias. O pai do Modernismo brasileiro registra que “em “Inquisiciones” ele apresenta menos que pensamentos, resultados de pensamentos, porém suponho uma espécie de dialética hegeliana no jeito dele pensamentear. Um certo ceticismo decadente que talvez lhe venha da cultura, excessiva pra idade tão moça que mostra só 28 anos”². Ao mesmo tempo em que reconhece o talento e a erudição de Borges, considerando a sua pouca idade, já indica tanto a sua predisposição pela

¹ Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2019/07/13/borges-y-la-dictadura-del-almuerzo-con-videla-a-la-reunion-con-las-madres-y-la-condena-a-los-militares-en-tiempos-de-sangre-y-plomo/>. Acesso em: 12 de junho de 2026.

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/borges/borg9.htm>. Acesso em 18 de junho de 2026.

dialética clássica quanto pelo subjetivismo idealista - Borges não era simpático ou partidário a dialética de Hegel, mas aquela de Platão e dos pré-Socráticos. Borges não estava na Alemanha do século XIX em matéria de referências filosóficas, mas na Grécia dos séculos IV e V antes de Cristo.

Manuel Bandeira, em obra de 1945, também registra o hermano argentino. Em "Poemas Traduzidos", entre Emily Dickinson, Goethe, Rainer Rilke e García Lorca, lá estava Jorge Luis Borges, representado pelo poema "Pátio", do seu primeiro livro, "Fervor de Buenos Aires" (1926). Nunca é demais lembrar ainda, que a imprensa operária anarco-sindicalista e os socialistas, desde o final do século XIX, eram prolíficos na correspondência e na colaboração nas suas publicações - a troca e o apoio entre argentinos e brasileiros era constante e salutar. José Ingenieros, Gigi Damiani, Lamberti Sorrentino, Antonio Piccarolo, dentre outros, foram alguns dos mais notáveis.

Otto Maria Carpeaux também registra a obra de Borges em sua "História da Literatura Ocidental (1959-1966)" - espante-se quem quiser. Para quem ainda não sabe, Otto era austriaco e antes de chegar ao Brasil e naturalizar-se, conheceu Franz Kafka pessoalmente. Ainda sobre Mário de Andrade, a professora Isis Milreu, em sua tese de doutorado revela:

Já em 1928, quando Borges tinha publicado apenas dois livros de poemas e três de ensaios, Mário de Andrade asseverou: "Este poeta e ensaísta me parece a personalidade mais saliente da moderna geração da Argentina." (1984, p.44). Essa sagaz observação converte o escritor brasileiro em um dos precursores dos estudos borgeanos, uma vez que ele conseguiu perceber a singularidade do autor argentino no início de sua carreira. No Brasil, além de Mário de Andrade, várias gerações de críticos e escritores exploraram o universo borgeano, tais como Otto Maria Carpeaux, Murilo Mendes, Clarice Lispector, Augusto Meyer, Aníbal Machado, Silviano Santiago, Bella Josef, Davi Arrigucci Jr., Ana Cecília Olmos e Jorge Schwartz, entre muitos outros. (MILREU, 2014, p. 113).

Como se vê, Borges foi bastante conhecido e apreciado pelos letrados brasileiros - críticos, escritores, jornalistas e intelectuais. Foi uma época em que havia

uma maior correspondência, integração e diálogo entre brasileiros e sulamericanos em geral, sobretudo, argentinos. O crítico literário paraense José Veríssimo (1857-1916), por exemplo, era um voraz leitor de literatura latinoamericana. Em artigos publicados entre 1913 e 1914 no periódico ilustrado O Imparcial, do Rio de Janeiro, menciona, entre outros, o escritor uruguaio Carlos Reyles, os argentinos Enrique Larreta, Roberto Payró, César Duayen (Emma de la Barra), Manuel Ugarte, Miguel Cané e Martin Aldáo. Cita ainda o paraguaio Cecilio Báez, o peruano Ventura García Calderón e os venezuelanos Rufino Blanco Fombona, César Zumeta e Carnevali Monreal (VERÍSSIMO, 1986).

Do lado de lá, segundo a professora Isis Milreu (2014, p. 113), “depoimentos de Borges demonstram que ele teve contato com alguns textos literários brasileiros, como a “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias e Os sertões de Euclides da Cunha”. Informa ainda que Borges, em “sua última viagem ao Brasil em 1984”, além de entrevistas e palestras, “entre outras atividades, ministra uma conferência no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e recebe um exemplar da primeira edição de Os sertões, de Euclides da Cunha, presenteado pelo bibliófilo José Mindlin”. Assim, destaca que em “sua explanação, aborda alguns de seus temas característicos e também descreve a descoberta da narrativa de Euclides da Cunha em um sebo de Buenos Aires”. Revelando “que a leu sem dicionário e que “agora tenho lembranças pessoais de Os sertões, caatingas que nunca vi” (Milreu, 2014, p. 112).

Borges foi um homem das letras do século XX, extremamente culto e devotado à literatura. Segundo consta em uma sua entrevista³, dada a um simples estudante secundarista já no final da vida em 1982, ele conta sobre a sua família e formação. Revela que seus avós eram militares - o Coronel Francisco Borges e o também Coronel Isidoro de Acevedo Laprida -, combatendo nas guerras da independência, civil e contra o Brasil. A família de sua mãe era de origem uruguaia e inglesa, sua avó era protestante e sua mãe “católica da maneira argentina”, como ele diz nessa entrevista, “mais por uma questão social do que teológica”. Seu pai foi advogado e professor de Psicologia e Inglês na Argentina e sua mãe, tradutora. Cresceu em uma família tradicional burguesa

³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/14/cultura/1465900278_877505.html. Acesso em 13 de junho de 2026.

e extremamente culta. Seu pai estudou Direito e era amigo do filósofo e escritor Macedônio Fernández (1874-1952), que teria notável influência sobre ele até o final dos anos 1920. Borges cresce à época de Leopoldo Lugones (1874-1938), José Ingenieros (1877-1925), Severino Di Giovanni (1901-1931), Ricardo Güiraldes (1886-1927) e Horácio Quiroga (1878-1937).

Macedônio é da geração de 1870, como José Ingenieros e Leopoldo Lugones. Na Universidade de Buenos Aires, colabora com o jornal socialista *La Montaña* de Ingenieros e Lugones. O socialismo professado pelos jovens argentinos, como em toda a América Latina no período, era aquele sob a égide da II Internacional, com pouco marxismo e impregnado pelo Positivismo vigente. Lugones, anos depois, tornaria-se partidário do fascismo.

A formação de Borges é europeia, não apenas porque se formou na Suíça, no Colégio Calvino, fundado em 1559, mas sobretudo por causa do seu círculo familiar e pessoal. Seu pai, desde quando era estudante de Direito, foi um homem ligado aos movimentos anarcossocialistas que predominavam na Argentina entre o final do século XIX e início do XX. Consta que nesse período, com Macedônio, quase organizaram uma Comuna Anarquista inspirada nas ideias libertárias de Reclus e Tolstoi, em uma região próxima da Bolívia. Apreciava as ideias individualistas de Herbert Spencer, Allan Poe, Nathaniel Hawthorne, Henry Thoreau e William James - suas aulas de psicologia eram sobre a obra de James, inclusive foi o prefaciador da tradução argentina de Pragmatismo. Borges declararia, anos mais tarde, que a biblioteca de seu pai foi o que mais importante aconteceu em sua vida.

Todavia, foi a mãe católica e burguesa de Borges quem o acompanhou a vida toda, nunca se separaram e ela viveu até os 99 anos, de 1876 até 1975 - Borges viveria apenas mais 11 anos. Essa senhora burguesa, católica, culta e carismática, que o acompanhou a vida toda, foi o contraponto ao pensamento agnóstico, individualista e até certo ponto libertário, de seu pai e juventude. Em um dado momento da entrevista, Borges afirma ser um “anarquista conservador”, certamente a síntese do seu pai e mãe.

De fato, em certa medida, paradoxalmente, um anarquista é um tanto conservador. É um sujeito determinado a preservar a individualidade acima de tudo, a

liberdade individual acima da autoridade ou vontade estatal, eclesiástica ou social. O anarquismo não é hegemônico, existem várias correntes ou tendências e a Individualista é uma delas - Max Stirner (1806-1856) e Lysander Spooner (1808-1887) são algumas das suas principais referências.

O escritor e seu tempo

Borges não foi imune ao seu tempo. Foi influenciado pelas ideias correntes na sociedade europeia e latinoamericana da virada do século XIX para o XX. Macedônio nasceu no mesmo ano que seu pai e, como ele, exerceu forte influência sobre a formação de Borges - teórica e estética. Por outro lado, os seus avós militares, despertavam nele o orgulho e a admiração dos velhos heróis militares nacionais, que fundaram a nação no sabre e no canhão, oferecendo a própria vida em sacrifício no altar da pátria.

Talvez por isso, Borges guardava uma visão idílica dos militares, como guardiões do povo e da nação - assim justifica Maria Kodama, sua última companheira⁴. Visão que ao longo da ditadura argentina vai se desfazendo, culminando com o apoio às Mães de Maio e ao julgamento dos militares em 1985 diante dos crimes hediondos cometidos pela ditadura⁵.

A Argentina que Borges conheceu nas décadas de 1920 e 1930, período de formação e maturidade, é justamente aquela em ebulição e céleres transformações dos

⁴ Disponível em: <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/espanol-borges-jorge-luis>. Acesso em junho 13 de de 2026.

⁵ Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/a-mudanca-de-borges-sobre-as-ditaduras-por-federico-guzman-rubio/> Acesso em 14 de junho de 2026.

dias de ascensão do proletariado no continente, no bojo da Revolução Bolchevique de 1917, consolidação do nazifascismo na Europa e do Modernismo na América Latina. Nesse contexto, o anarcossindicalismo representa a vanguarda do proletariado, ao passo que as ditaduras nacional-desenvolvimentistas consolidam a industrialização nas décadas de 1930 e 1940, nos regimes posteriormente chamados de “populistas autoritários”, caracterizando a América Latina, segundo certa leitura hegemônica ocidental obstinada em construir padrões vulgares, simplificados e reducionistas sobre as especificidades do lado Sul e ibérico do continente.

Ianni (1986), Cardoso (1975), Laclau (2013) e García Linera (2008), dentre outros, denunciam o caráter elitista, depreciativo e reducionista da categoria “populismo”⁶. Sartoretto (2019, p. 124), por exemplo, destaca o debate brasileiro proposto por Francisco Weffort, dialogando com Arendt, Tocqueville e Lipset, até Ortega y Gasset, Manheim e Horkheimer, em uma perspectiva estritamente liberal. Desde a década de 1960, Hélio Jaguaribe, Gino Germani e Seymour Lipset, dentre outros, produzem reflexões sobre democracia, nacionalismo e desenvolvimentismo na América Latina, conformando o debate sobre processo de desenvolvimento industrial de tendência autoritária na periferia do capitalismo como “populismo”⁷.

O fato é que Borges vive a Argentina - e América Latina - das greves, manifestações e lutas do proletariado urbano em ascensão contra a nova elite industrial dominante, associada e subordinada, predominantemente ao capitalismo imperialista ianque. Quando Di Giovanni foi fuzilado em 1931, junto com Paulino Orlando Scarfó, por ordens do tirano com inclinações fascistas, José Félix Uriburu, a Argentina iniciava a chamada “Década Infame”. Desde o início do século XX, no entanto, que a Argentina convive com o terror protagonizado pelo enfrentamento entre o Estado repressor e setores reacionários paramilitares da sociedade, como a Liga Patriótica Argentina, e os

⁶ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/170-noticias-2014/530341-ernesto-laclau-o-intelectual-dos-debates-e-combates>. Acesso em 14 de junho de 2026.

⁷ Sobre esse debate, indico a leitura dos seguintes artigos disponíveis em:
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/9772>;
<https://www.scielo.br/j/rh/a/7jS8RGhR9NT6VCmPpK9DSkS/?format=html&lang=pt>;
https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/REZENDE_SP17-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em 10 de junho de 2026.

anarquistas promotores da “Propaganda pela Ação”, em episódios conhecidos como a “Semana Vermelha”, a “Semana Trágica” e a “Patagônia Rebelde”. Nesse contexto, o grupo de Di Giovanni promoveu atentados contra a Embaixada dos Estados Unidos, o Consulado da Itália fascista, o Consulado da Espanha, a Sociedade General Britânica, além de diversos ataques e expropriações a instituições bancárias estrangeiras, como o City Bank e o Bank Boston.

A execução de Severino Di Giovanni foi registrada de forma contundente e solene pelo jornalista e dramaturgo Roberto Arlt (1900-1942)⁸. Seu testemunho é sóbrio, lúcido, incisivo. Não estamos apenas diante de um profissional ético, sério e esclarecido, mas de um representante da humanidade, em um contexto de barbárie, algo maior que um simples exemplar da espécie humana. O prisioneiro adentra a sala de execução a ferros, caminha com dificuldade, mas com firmeza, sem vacilação, sem demonstrar dor, recusa a venda nos olhos.

Ele encara os carrascos com um olhar rígido. Exala força de vontade. Se ele sofre ou não, é um segredo. Mas ele permanece assim, rígido e orgulhoso. Ele estufa o peito. Será para receber as balas? (...) A voz do prisioneiro irrompe metálica e vibrante:

- Viva a anarquia!
-Fogo!

Um clarão repentino. Um corpo robusto se transforma em uma folha de papel dobrada. As balas cortam a corda. O corpo cai de cabeça e jaz na grama verde com as mãos tocando os joelhos. O clarão do golpe de misericórdia. As balas escreveram a palavra final no corpo do prisioneiro. Seu rosto permanece sereno. Pálido. Seus olhos semicerrados. Um ferreiro martela aos pés do cadáver. Ele remove os rebites da algema e da barra de ferro. Um médico o examina. Ele atesta que o condenado está morto. Um cavalheiro, que chegou de casaca e sapatos de dança, sai com a cartola na cabeça. Ele parece ter acabado de sair de um cabaré. Outro homem profere um palavrão. Vejo quatro jovens pálidos e desfigurados, como cadáveres, mordendo os lábios; são eles: Gauna, do *La Razón*, Álvarez, do *Última Hora*, Enrique González Tuñón, do *Crítica*, e Gómez, do *El Mundo*. Sinto-me embriagado. Penso naqueles que riam. Penso que deviam colocar uma

⁸ Disponível em: <https://elhistoriador.com.ar/el-fusilamiento-de-severino-di-giovanni-por-roberto-arlt/>, <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2020/07/16/argentina-encontram-fotos-do-fuzilamento-de-severino-di-giovanni-condenado-pelo-ditador-saltenho-jose-felix-uriburu-em-1931/>. Acesso em 14 de junho de 2026.

placa à entrada da Penitenciária com os seguintes dizeres: "É proibido rir. É proibido usar sapatos de dança."

O registro é o retrato de uma época capturada pelo expressionismo, representativo de uma sociedade que cultua a morte com indiferença e fruição. Sociedade que no contexto nacional e regional, desde o final do século XIX experimenta rápidas e profundas transformações decorrentes da expansão do capitalismo imperialista e colonialista, abalando as estruturas econômicas, políticas e sociais, intensificando as contradições e o antagonismo entre as suas classes fundamentais, a burguesia e o proletariado. Do ponto de vista global, ainda sob os impactos devastadores da Grande Guerra, da Gripe Espanhola e da Crise Econômica Mundial de 1929.

Borges estava na Europa durante a Grande Guerra, chegou meses antes do início do conflito. Embora estivesse em um país neutro, não era possível estar imune aos acontecimentos. A guerra acontecia no solo e nos céus da Europa, a mobilização de refugiados civis, étnicos e políticos de todos os cantos do continente era imensa. Romain Rolland, Stefan Zweig, Hermann Hesse, Tristan Tzara eram alguns dos refugiados na Suíça durante a guerra.

Borges afirma ser “melhor leitor que escritor”, embora em uma outra entrevista admita que “não lia muito”. Diz que apenas “folheava os livros”. Sustenta que não “tenha lido quase nenhum livro do princípio até o fim, salvo livros de filosofia”⁹. Paradoxalmente, é categórico ao confessar a importância da biblioteca paterna na sua formação - “o feito capital de minha vida”¹⁰. Ele destaca que suas “primeiras memórias são da biblioteca” paterna. Informa que sequer tem recordações “de uma época em que não soubesse ler e escrever”. Enfatizando que a biblioteca paterna “era essencialmente de livros ingleses”. Embora afirmasse gostar de escrever. É provável que tenha lido muito mais do que escrito.

⁹ Entrevista concedida na TV brasileira para o jornalista Roberto D’Ávila, publicada no jornal O Nacional e parcialmente transcrita aqui: <https://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/JorgeLuisBorges.htm>. Acesso em 14 de junho de 2026.

¹⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1107200907.htm>. Acesso em 13 de junho de 2026.

Borges renascentista e reacionário

Embora a obra - e a vida - de Borges seja toda no século XX, ele é um homem do século XIX. Não porque nasceu no final daquele século, mas porque as suas referências e interlocutores são todos daquele século para trás. Borges é um aristocrata no sentido estrito da palavra.

Em diversas ocasiões, Borges demonstrou desinteresse pela política, até mesmo certa repulsa ou desprezo, atitude típica das elites, cuja situação econômica privilegiada permite-lhes se alhear da realidade e imiscuir-se nas questões mundanas da vida pública e quimeras políticas. Consideram-se predestinados à usufruir a vida, conforme o que seria apropriado à existência de espíritos nobres ou mais elevados, isto é, viver para a transcendência, o belo e o sublime. Trata-se de uma visão de mundo clássica, do ponto de vista estético, filosófico, político, moral e ético, conforme Platão concebia e hierarquizava as atividades contemplativas como superiores, em oposição às práticas, consideradas inferiores.

Do ponto de vista histórico, é o movimento da reação contra as Luzes, gestado desde o final do século XVIII, conforme Lukács (2020) esclarece em “A destruição da razão”. Movimento que se intensifica, conforme o avanço da Revolução Industrial e a expansão do proletariado urbano, o recrudescimento da “questão social” e o acirramento da luta de classes. Na perspectiva estética, o Romantismo desde o século XVIII com Johann Wolfgang von Goethe, William Blake, Edmund Burke, Friedrich Schiller, Johann Gottlieb Fichte, Thomas Malthus, Jeremy Bentham, Jacques Louis-David, Stendhal, George Byron e Percy Shelley influenciará toda a literatura, a arte e a filosofia até o final do século XIX. Serão os interlocutores e referências de intelectuais, filósofos, artistas e escritores como Alphonse De Lamartine, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Mary Shelley, Walter Scott, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Sören Kierkegaard, Richard Wagner, Arthur Schopenhauer, Auguste Comte, Henri Bergson, Arthur de Gobineau, Vilfredo Pareto e Friedrich Nietzsche. Esse debate, porém, não se

encerra com o século XIX, ao contrário, conforme a ascensão do capital na sua fase Imperialista-Colonialista, o avanço do Socialismo Científico e as organizações dos trabalhadores - partidos, sindicatos e a Associação Internacional dos Trabalhadores -, a ofensiva da burguesia culmina no Irracionalismo e nas teorias racistas, eugenistas e nos nacionalismos militaristas que caracterizaram a primeira metade do século XX.

De fato, considerando a sua formação, Borges foi um homem do século XIX, que amadurece, porém, nas céleres e profundas transformações que marcam a primeira metade do século XX - a Revolução Bolchevique, duas Guerras Mundiais, ascensão do Nazifascismo e uma Crise econômica global. Todo o horror e a instabilidade desse período, é bastante provável que o tenha levado a repudiar ainda mais a política, sobretudo os radicalismos e as alternativas revolucionárias. É notória - e notável! - a rejeição e o desprezo de Borges por Perón e o peronismo.

Borges enfrentou problemas com o governo Perón em 1946, naquele ano ele foi afastado do cargo de Bibliotecário em uma Biblioteca Municipal, designado como “inspetor de aves” no Mercado Municipal, numa tentativa aberta de o humilhar por suas posições antiperonistas e pelo apoio declarado aos Aliados durante a II Guerra¹¹. Somente em 1955, após a queda de Perón, Borges foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, momento contudo, em que a cegueira tornou-se absoluta e definitiva.

Figuras como Perón, líderes absolutos e carismáticos, tão prolíficos e populares no período, desde Salazar e Franco, até Hitler e Mussolini, Vargas e Somoza, eram para ele aberrações, absolutamente nefastos, representantes do arbítrio, da vulgaridade e da corrupção. O culto à personalidade, típico da época, era intolerável para o individualismo radical de Borges. Trata-se de um tipo de individualismo que não tolera qualquer tipo de opressão - estatal, social, espiritual ou individual.

Embora não fosse sequer afeito à política, Borges expressava posicionamentos políticos na repulsa ou desdém por ela. Ou quando manifestava o seu caráter conservador, atônito de admiração pelo passado, sempre como referência estética, moral, ética e filosófica, muitas vezes com traços idílicos e ornamentais. Afirma que um

¹¹ Disponível em: <https://gazetadotriangulo.com.br/meio-desligado-o-conservadorismo-de-jorge-luis-borges/>; <https://www.lanacion.com.ar/cultura/borges-no-era-una-persona-con-una-mirada-inteligente-sobre-la-politica-nid03092022/>. Acesso em 16 de junho de 2026.

autor deve “intervir o menos possível na elaboração de sua obra. Deve procurar ser um amanuense do Espírito ou da Musa”. Assim, sentencia em obra de 1967 que seus “temas habituais aí estão: a perplexidade metafísica, os mortos que perduram em mim, a germanística, a linguagem, a pátria, o paradoxal destino dos poetas” (Borges, 1969, p. 8).

Para Borges, não há nada de novo sobre a Terra, nada que não fosse um simulacro, mais ou menos mal acabado, de qualquer coisa já feita e superior. Assim, se apoia em “Platão, que no décimo livro da República raciocina deste modo: “Deus cria o arquétipo (a ideia original) da mesa; o carpinteiro, um simulacro do arquétipo; o pintor, um simulacro do simulacro” (Borges, 1969, p. 195).

Borges (1969, p. 18) reflete sobre o tempo - “o tempo dos mortos” -, assinalado em um “relógio de areia”. Aquele que “não se detém nunca a queda”. Sabe que o homem não pode salvar-se, “fortuita coisa de tempo, que é matéria inconsistente”. Ele canta a morte do avô soldado, Coronel Francisco Borges, de forma épica e solene, como um “soldado de Lee” qualquer, abatido nos campos de batalha confederados em 1862. Seus tambores rufam, porém, para Walt Whitman, o poeta dos vencidos que canta para si mesmo.

Ele dialoga com Heráclito, Sêneca, Montaigne, Emerson, Spinoza, Homero, James Joyce, Kipling, Kafka, Hawthorne, Coleridge e Oscar Wilde. O tempo foi o Demócrito de Borges, assim ele declara em “O elogio da sombra”¹². Assim, perscruta a eternidade e o etéreo. E paira acima das veleidades, convencionalismos e modismos, porque em um autor, em qualquer obra as “suas opiniões são o que mais de superficial há nele”. Sabe que “um homem se confunde, gradualmente, com a forma de seu destino; um homem é, ao cabo, suas circunstâncias” (Borges, 1969, p. 223).

Borges é leitor de Léon Bloy¹³ (1846-1917), é notável a influência do polêmico escritor francês em suas obras. Tanto quanto podemos perceber a influência de Sören

¹² Disponível em: <https://viciodapoesia.com/2013/08/30/elogia-da-sombra-poema-de-jorge-luis-borges>. Acesso em 19 de junho de 2026.

¹³ Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/30249>. Acesso em 19 de junho de 2026.

Kierkegaard (1813-1855) sobre Bloy - Léon Bloy, inclusive, viveu na Dinamarca de Kierkegaard. A religiosidade fervorosa, o desespero humano e o existencialismo cristão atravessam a obra de ambos, impactando o pensamento de Borges sobre a existência e o destino do homem. Concorde com a sentença de Bloy, que afirma que “nenhum homem sabe quem é”, afinal, “é duvidoso que o mundo tenha sentido; é mais duvidoso ainda que tenha duplo ou tríplice sentido”. O homem, o universo, o destino, a eternidade é a matéria borgiana.

Quem entreviu o universo, quem entreviu os ardentes desígnios do universo, não pode pensar num homem, nas suas triviais felicidades ou desventuras, embora esse homem seja ele mesmo. Esse homem foi ele e agora não lhe importa. Que lhe importa a sorte daquele outro, que lhe importa a nação daquele outro, se ele agora é ninguém. Por isso não pronuncio a fórmula, por isso deixo que os dias me esqueçam, deitado na escuridão. (BORGES, 1969, p. 224).

Borges fala sobre a sua cegueira - a escuridão. Ou seria sobre as trevas da ignorância, da miséria, da barbárie, da intolerância e do ódio? Porque de certo modo, deitar-se na escuridão, é uma espécie de alheamento deliberado. Talvez seja uma forma de resignação ou sobrevivência, de todo o modo, é um posicionamento. Muito embora seja um posicionamento que caracteriza, de certa forma, alguma conveniência ou cumplicidade. Talvez, por isso, no fim da vida Borges despertou, posicionando-se contra as trevas da ditadura argentina. Até lá, ainda se encontraria com Augusto Pinochet em setembro de 1976, para receber o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Chile. Não se trata de julgar Borges, não temos estatura para isso, tampouco presunção e interesse. Seria desonesto e oportunismo, pelas lentes dos dias atuais julgar um octogenário falecido há quarenta anos. Borges como escritor foi, é e será sempre maior do que isso. Como homem foi apenas “humano, demasiado humano”, parodiando um polêmico filósofo alemão do século XIX.

Referências

ABUD FILHO, Régis Mikail. “Léon Bloy contra seu tempo”. Revista Solettras, nº 34, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/30249>. Acesso em 19 de junho de 2026.

AGUIAR, Flávio. “Borges, Jorge Luís”. Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-borges-jorge-luis>. Acesso em junho 13 de de 2026.

ANGUITA, Eduardo; CECCHINI, Daniel. “Borges y la dictadura del almuerzo con Videla a la reunion com las madres y la condena a los militares en tiempos de sangre y plomo”. Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2019/07/13/borges-y-la-dictadura-del-almuerzo-con-videla-a-la-reunion-con-las-madres-y-la-condena-a-los-militares-en-tiempos-de-sangre-y-plomo/>. Acesso em: 12 de junho de 2026.

ÁVALOS, Daniel. “Argentina encontra fotos do fuzilamento de Severino Di Giovanni, condenado pelo ditador saltenho José Félix Uriburu em 1931”. Blog da Agência de Notícias Argentina (ANA). Disponível em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2020/07/16/argentina-encontram-fotos-do-fuzilamento-de-severino-di-giovanni-condenado-pelo-ditador-saltenho-jose-felix-uriburu-em-1931/> Acessado em 14 de junho de 2026.

BORGES, Jorge Luís. Nova Antologia Pessoal. Petrópolis: Editora Sabiá, 1969.

CÓRDOVA, Patrícia. “O pulso do tempo: meio século com Borges, de Mário Vargas Llosa”. Blog Letras inverso e reverso. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2023/08/o-pulso-do-tempo-meio-seculo-com-borges.html>. Acessado em 09 de junho de 2026.

DAMIN, Paulo. “Borges e o anarquismo conservador”. Blog Contratempo. Disponível em: <https://www.editoracontratempo.com.br/post/borges-e-o-anarquismo-conservador>. Acessado em 06 de junho de 2026.

GONÇALVES, Talita. “Meio desligado: o conservadorismo de Jorge Luís Borges”. Gazeta do Triângulo, 22 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://gazetadotriangulo.com.br/meio-desligado-o-conservadorismo-de-jorge-luis-borges/>. Acessado em 16 de junho de 2026.

GRAÇA, Antônio Paula. “As afinidades ilusórias: Mário de Andrade foi pioneiro na leitura de Borges no Brasil”. Folha de São Paulo. Folha Especial, 19 de maio de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/borges/borg9.htm>. Acessado em 18 de junho de 2026.

LUKÁCS, Georg. A destruição da razão. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MAIA EHLERT, João Marcelo. “Na periferia da Guerra Fria Cultural: o giro sociológico do Congresso pela Liberdade da Cultura na América Latina durante a década de 1960”. Revista História nº 184, FFLCH da USP, São Paulo: 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/7jS8RGhR9NT6VCmPpK9DSkS/?format=html&lang=pt>. Acessado em 10 de junho de 2026.

MÍGUEZ, Claudio Pérez. Entrevista inédita com Borges: “Sou um anarquista conservador”. Jornal El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/14/cultura/1465900278_877505.html. Acessado em 13 de junho de 2026.

MILREU, Isis. De autor a personagem: Jorge Luis Borges na mira de romancistas latinoamericanos (tese de doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/101a3ed4-2b72-4305-8d01-3f76a080472f/content>. Acessada em 13 de junho de 2026.

PAULS, Alan. “O pai de Borges”. Folha de São Paulo, Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1107200907.htm>. Acessado em 13 de junho de 2026.

PIGNA, Felipe. “A execução de Severino Di Giovanni, de Roberto Arlt”. Blog El Historiador. Disponível em: <https://elhistoriador.com.ar/el-fusilamiento-de-severino-di-giovanni-por-roberto-arlt/>. Acessado em 14 de junho de 2026.

RACCIATTI, Emilia. “Borges no era una persona con una mirada inteligente sobre la política”. La Nacion, 03 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/cultura/borges-no-era-una-persona-con-una-mirada-inteligente-sobre-la-politica-nid03092022/>. Acesso em 16 de junho de 2026.

REZENDE, Rafael. “O populismo de Ernesto Laclau e o Movimento ao Socialismo”. Anais do II Simpósio Pensar e Repensar a América Latina. PROLAM-USP, 2016. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/REZENDE_SP17-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em 10 de junho de 2026.

SARTORETTO, Leonardo. “Pressupostos metodológicos do populismo”. Aurora Revista de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista, v. 12, nº 13, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/9772>. Acessada em 10 de junho de 2026.

VERÍSSIMO, José. José Veríssimo: cultura, literatura e política na América Latina. Seleção e apresentação: João Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

A biblioteca pessoal de Jorge Luís Borges. Blog Letras inverso e reverso. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2015/05/ha-quem-seorgulhe-dos-livros-que.html>. Acessado em 09 de junho de 2026.

A mudança de Borges sobre as ditaduras, por Federico Guzmán Rubio. Jornal da GGN. 30/04/2022. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/politica/a-mudanca-de-borges-sobre-as-ditaduras-por-federico-guzman-rubio/>. Acessado em 07 de junho de 2026.

Elogio da Sombra. Blog Vício da Poesia. Disponível em: <https://viciodapoesia.com/2013/08/30/elocio-da-sombra-poema-de-jorge-luis-borges/>. Acessado em 19 de junho de 2026.

Ernesto Laclau, o intelectual dos debates e combates. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/170-noticias-2014/530341-ernesto-laclau-o-intelectual-dos-debates-e-combates> . Acessado em 06 de junho de 2026.

Revista
CONVERGÊNCIA
CRÍTICA